

## A ABORDAGEM SOBRE OS INDÍGENAS NO LIVRO DIDÁTICO

SILVA, Erick Charlles Oliveira<sup>1</sup>  
PEIXOTO, José Adelson Lopes<sup>2</sup>  
SOARES, Brunemberg da Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** Esse estudo tem como objetivo analisar e discutir a forma como os indígenas são apresentados nos livros didáticos presentes nas escolas. Objetivamos contribuir com uma abordagem otimista e a favor das mobilizações indígenas, trazendo-os como agentes ativos e protagonistas de suas histórias. Para tanto, adotamos como caráter metodológico a abordagem teórica e prática, através de atuações junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em 2023, na Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite, no município de Palmeira dos Índios/AL. Como subsídio teórico, utilizamos autores que analisaram e discutiram sobre a temática, tais como Monteiro (1999), Silva (2019), Vasconcellos (2000) e Bittencourt (2013). Com base no que foi estudado, nossos apontamentos sugerem que os livros didáticos, por vezes, transmitem desinformação e até mesmo reforçam estereótipos ao tratar dos povos indígenas do Brasil em seus conteúdos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Escola; Intercultural; Originários.

### Introdução

Atuamos no Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência em Palmeira dos Índios, município localizado no Agreste do estado de Alagoas, com o subprojeto “Memória, identidade e pertencimento: a história local e a formação do professor em história na UNEAL – Campus III”. O município possui, desde meados de 1630 a 1660 (Antunes, 1973), muito antes de sua definitiva formação, a presença indígena do povo Xukuru-Kariri.

Ao serem abordados conteúdos que englobem temáticas diretamente ligadas à história indígena no âmbito escolar, é comum presenciarmos que esses assuntos sejam pobremente tratados, suprimidos ou até mesmo ignorados e quando a abordagem é malfeita, contribui para que seja reforçada uma noção ultrapassada de indígena, de ideias e estigmas problemáticos e estereotipados. Perpetuando uma visão cristalizada no imaginário dos alunos.

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em História, UNEAL, Campus III, Bolsista do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), voluntário do Projeto institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e membro do Grupo de Pesquisas em História Indígena em Alagoas (GPHIAL). erick.silva.2022@alunos.uneal.edu.br

<sup>2</sup> Professor titular do curso de História na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL - Campus III). Coordenador do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas (GPHIAL) e Coordenador do subprojeto de História do PIBID/CAPES, coordenador do subprojeto de História do PIBIC/FAPEAL. E-mail: adelsonlopes@uneal.edu.br

<sup>3</sup> Professor efetivo da Rede Municipal de Educação de Palmeira dos Índios, atuando na Escola Dr. Gerson Jatobá Leite. Bolsista Supervisor do PIBID, financiado pela CAPES. Membro do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas (GPHIAL). E-mail: brunemberg@gmail.com

Nesse sentido, objetivamos problematizar a forma como o indígena é representado no livro didático, buscando entender e analisar tal problemática para percebermos como podemos trabalhar de maneira assertiva a em tela, de modo a construir uma historiografia otimista de ser abordada na sala de aula, apresentando os indígenas como indivíduos ativos e protagonistas de seus próprios destinos.

Destacamos que este estudo foi feito, principalmente a partir de uma análise inteiramente bibliográfica da maneira como o indígena tem sido representado na sala de aula, a partir da precariedade dos materiais didáticos existentes, para isso utilizamos autores como: Monteiro (1999), Silva (2019), Vasconcellos *et al.* (2000) e Bittencourt (2013). Seguindo nesse sentido, a atuação prática em sala de aula, junto ao PIBID, serviu como aliada para identificar, analisar e discutir a falta de visibilidade que os povos originários sofrem em relação ao material didático distribuído em grande parte das escolas do Brasil.

## **Resultados e Discussão**

Durante nossa atuação no ano de 2023, na escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite, em Palmeira dos Índios/AL, trabalhamos com cinco turmas do nono ano (A, B, C, D e E) e unicamente com materiais didáticos produzidos pelos bolsistas e pelo professor supervisor do PIBID, Prof. Me. Brunemberg Soares, em decorrência disso, praticamente não utilizamos o livro didático de História.

Sendo assim, ao abordarmos os assuntos propostos pelo currículo escolar, trabalhamos com perspectivas flexíveis, buscando dialogar com o contexto local. A exemplo disso, ao trabalharmos sobre o início da colonização no Brasil, “trouxemos” para a realidade de Palmeira dos Índios/AL a situação dos indígenas à época. Em uma outra aula, sobre a história local do município, pudemos aprofundar a temática, a fim de estimular o interesse pela matéria e pela história do município ao qual os alunos encontram-se inseridos.

Com isso, pudemos trabalhar de maneira assertiva, trazendo a história dos indígenas como indivíduos ativos e protagonistas. Ainda é importante destacar a presença de alunos indígenas Xukuru-Kariri em algumas das salas da nossa atuação, o que possibilitou uma visibilidade e proximidade, resultando, posteriormente, em convites para conhecer sua aldeia, que está em um contexto de surgimento.

Entretanto, sabemos que essa realidade não contempla todo o círculo escolar e nem sempre a abordagem da temática indígena é feita de maneira efetiva e positiva. Para a história aprendida na escola, os indígenas começam a aparecer em assuntos como a história do “Brasil Colônia”, ou a história das Américas, sempre em um contexto dos primeiros contatos. Em um contexto mais recente, dificilmente o assunto acerca das populações nativas volta a aparecer (Bittencourt, 2013).

O início da abordagem, ou do discurso que dissemina o preconceito e o “fim dos Indígenas” está ligado diretamente ao século XIX, quando predominava a ideia dos historiadores do Império, caracterizada por estereótipos que os deploravam, como: os bons selvagens, preguiçosos ou beberrões e que estariam fadados a desaparecer, ao se integrarem completamente à sociedade circundante, com o avanço massivo da “civilização”. Essa perspectiva ainda foi continuada até o século XX, podendo ser vista até hoje no imaginário brasileiro (Silva, 2023).

Os historiadores teriam sido cúmplices da afirmativa de Varnhagen (1850): para os índios “não há história, há somente etnografia” (Monteiro, 1995, p. 221 *apud* Varnhagen, 1850, p. 30), uma vez que a preocupação acerca da história indígena tomou a frente nos campos da antropologia?

Tentou-se negar um futuro para os povos originários ao colocarem obstáculos para o passado (Monteiro, 1999). Um dos principais obstáculos é a mal colocação (ou a inexistência) da temática indígena na escola e pior do que não abordar, é fazê-la de maneira preconceituosa e errada. Além disso, a invisibilidade retratada com frequência nos livros didáticos, contribui para a cristalização de uma imagética e uma ideia preconceituosa acerca dos povos indígenas, através de uma abordagem etnocêntrica, que generaliza e desumaniza a figura do nativo no Brasil, pois não estimula o aluno a refletir, repensar e desconstruir a “ideia de indígena” presente no meio social. A abordagem malfeita sobre tais povos é tão negativa quanto abordagem nenhuma.

Como consequência desse movimento, não se produz um conhecimento na escola que estimule o aluno a refletir acerca da “ideia de indígena” presente no meio social e tampouco se volta a pensar os indígenas em torno de suas complexidades socioculturais, gerando, assim, um pensamento preconceituoso em relação aos povos originários (Silva, 2019). Como consequência, o professor de história, ao tratar sobre a temática indígena no contexto escolar, terá de enfrentar mais um grande percalço:

desconstruir imagens e preconceitos que se tornaram lugar comum no pensamento popular de grande parte dos brasileiros (Monteiro, 1999) e, trazendo para o contexto do nosso estudo, dos alunos.

Além disso, é comum vermos nos livros didáticos, ao tratarem sobre os povos indígenas no Brasil, o uso de fotografias ou imagens etnográficas. Esse uso da imagética pode influenciar os alunos na construção de um indígena-museu, um indígena estático, cristalizado, sendo sempre lembrado por algo que, supostamente, um dia teria sido. Podendo, assim, acarretar uma visão distorcida e até mesmo preconceituosa sobre os povos originários (Vasconcellos, 2000). Cabendo, portanto, ao bom professor desconstruir e problematizar esse tipo de representação presente no livro didático.

O estudo de Vasconcellos *et. al* (2000), evidenciou como a abordagem indígena na sala de aula pode ser malfeita. O estudo se deu na análise de 10 livros didáticos em uso, no contexto da pesquisa, por escolas privadas e públicas. Apesar de todos os livros analisados pelo autor serem felizes em afirmarem que o "Descobrimento" do Brasil não se deve aos portugueses, mas sim aos povos que aqui chegaram muito antes deles. Em quase todos os livros há a presença de conceitos positivistas, tais como o de evolucionismo social, inferindo que os indígenas são na verdade um estágio evolutivo para a civilização.

Devemos desconstruir referenciais estereotipados presentes no livro didático, uma vez que estes somente servem para alimentar o preconceito, a ignorância e o ódio às comunidades indígenas e tradicionais. Tais referenciais são utilizados como subsídios para tentar ofuscar as reivindicações atuais do movimento indígena. A era do estereótipo deve acabar (Silva, 2017).

## Conclusão

A partir das inferências já apresentadas, o PIBID atuou como um grande aliado para a desconstrução das ideias estereotipadas presentes no imaginário dos estudantes de Palmeira dos Índios/AL. Como já mencionando, em uma aula onde pudemos aprofundar a reflexão sobre a história da localidade trabalhada, abordamos a discussão sobre a lenda fundante do município<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Criada por Luiz Torres, um memorialista local, a lenda remonta a narrativa da história de formação da cidade de maneira romântica e com ideais colonialistas, tendo a trama central, a história de um amor proibido entre os indígenas Tilixi e Tixiliá. Segundo a narrativa, no local onde o casal foi morto por uma liderança indígena (Etafe)

Com isso, conseguimos atestar que grande parte dos alunos tinha a lenda como um retrato do real, inclusive entre os alunos indígenas presentes em algumas turmas. Ficando surpresos e desapontados ao saberem que a narrativa se tratava de uma literatura feita na intenção de promover a história do município. Além disso, foi possível atestar, em uma atividade aplicada nas turmas sobre o mesmo tema<sup>5</sup>, que os alunos notaram elementos estereotipados nas representações imagéticas indígenas presentes no município e que isso é prejudicial para os Xukuru-Kariri que ali vivem.

Combater diretamente essa invisibilidade, frequentemente presente nos livros didáticos é reafirmar a presença indígena no campo da educação, além de aproximar os alunos das complexidades envolvidas às temáticas indígenas, que são pobremente discutidas em sala de aula, tanto pela falta de formação para os professores, como propriamente a falta de um espaço para debate ou análise crítica do livro didático.

O imaginário brasileiro é evidentemente arraigado de concepções, muitas vezes, ou quase sempre, erradas ou preconceituosas sobre os indígenas. Cabendo a nós, enquanto pesquisadores e professores corrigir, descontinuar, desconstruir e repensar tais concepções, assim como a melhor forma de trabalhar os nativos na escola. Uma das principais armas que os indígenas possuem contra esse tipo de desinformação é a existência de professores indígenas de história, para que estes abordem a perspectiva a partir da visão de mundo da sua etnia, e não a do colonizador, para que a historiografia indígena no Brasil seja, futuramente, outros quinhentos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Clóvis. **Wakona - Kariri - Xukuru**: aspectos socioantropológicos dos remanescentes indígenas de Alagoas. Maceió: UFAL, 1973

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. História das populações indígenas na escola: memórias e esquecimentos. In: PEREIRA, Amílcar Araujo; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.). **Ensino de histórias afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013. p. 101-132. <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/44520>.

---

que não aprovava o romance entre os dois, nascera duas palmeiras, dando origem, assim, ao nome da cidade. In: TORRES, Luiz de Barros. Palmeira dos Índios "Cidade do Amor". Manuscrito disponível no acervo do GPHIAL.

<sup>5</sup> Para mais informações, ver: SILVA, Erick Charles Oliveira *et al.*. A imagem não representada dos indígenas em Palmeira dos Índios: aprendizagens no pibid. Anais do IX ENALIC. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/103133>. Acesso em: 09/03/2024 17:19

LAMAS et.al. Os indígenas nos livros didáticos uma abordagem crítica. Cadernos de **Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, v. 2, n. 1, p. 124-139, 2016.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. **A temática indígena na escola**. v. 1, p. 221-228, 1995.

MONTEIRO, John Manuel. **Armas e armadilhas**: história e resistência dos índios. A outra margem do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, p. 237-249, 1999.

SILVA, Edson. **Povos indígenas e ensino de história**: subsídios para a abordagem da temática indígena em sala de aula. *História & Ensino*, v. 8, p. 45-61, 2002.

SILVA, KALINA VANDERLEI. Quem disse que “os índios estão acabando”? Respostas Indígenas ao Discurso do “Fim dos Índios” no Ensino de História. **Outros Tempos**: Pesquisa em Foco-História, v. 20, n. 36, p. 220-248, 2023.

SILVA, Vitor Ferreira. **O livro didático e as sociedades indígenas**. Textos e debates, v. 1, n. 32, 2019.

VASCONCELLOS, C.M.; ALONSO, A.C.; LUSTOSA, P.R. A abordagem do período pré-colonial brasileiro nos livros didáticos do ensino fundamental. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 10: 231-238, 2000.